

Usos e Funções de *Praticamente*: de Advérbio de Modo a Angulador

Uses and Functions of *Praticamente*: from Adverb to Hedge

Jussara Abraçado*
Tainara Pinheiro de Castro**

RESUMO

Este estudo sobre usos e funções de *praticamente* baseia-se em dados contemporâneos do português brasileiro em uso, coletados em diversos *sites* da internet e no *Corpus do português*, e fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, em especial, da teoria dos espaços mentais. Em análise quantitativa (em termos percentuais) e qualitativa dos dados, demonstra que *praticamente*: (i) constitui um recurso à disposição dos falantes, que tendem a utilizá-lo em situações em que expressam uma opinião; (ii) atribui algum grau de imprecisão aos significados e, assim sendo, afrouxa o comprometimento com o estatuto de verdade do que está sendo enunciado, atuando na preservação da face dos envolvidos no ato comunicativo; e (iii) tende a ocorrer estabelecendo relação entre entidades pertencentes a uma mesma categoria e inseridas em um mesmo *frame*.

Palavras-chave: *Praticamente*; advérbio de modo; angulador; linguística cognitiva; teoria dos espaços mentais.

ABSTRACT

This study about uses and functions of *praticamente* is based on contemporary data from Brazilian portuguese in use, collected from various websites and *Corpus do português*. It is based on the theoretical assumptions of cognitive linguistics and, particularly, the theory of mental spaces. In quantitative (in percentage terms) and qualitative analysis of the data, it shows that *praticamente*: (i) is available resource to speakers, who tend using it in situations where they express an opinion; (ii) attributes some degree of inaccuracy to the meanings and, thus, loosens the commitment to the true status of what is being enunciated, acting to preserve the face of those involved in the communicative act; and (iii) tends to occur by establishing a relationship between entities that belong to the same category and that are inserted in the same frame.

Keywords: *Praticamente*; adverb of mode; hedge; cognitive linguistics; theory of mental spaces.

Recebido em 28 de novembro de 2019

Aceito em 25 de abril de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.350

*Universidade Federal Fluminense, almeidajussara@globo.com, orcid.org/0000-0002-1050-9500

**Universidade Federal Fluminense, narinha_castro@yahoo.com.br, orcid.org/0000-0002-6858-8360

Introdução

George Lakoff, ao investigar os diferentes graus de verdade em línguas naturais, inaugurou o estudo sobre anguladores. Lakoff (1972;1973) constatou que anguladores atribuem graus de incerteza às palavras ou sentenças por eles escopadas, ou seja, ao modificar categorias semântico-cognitivas, os anguladores impactam a precisão da assertividade em relação a algum ponto de vista ou a determinados aspectos do enunciado, como se observa no exemplo a seguir:

- 1) Ana é *praticamente* um bicho-preguiça.

De acordo com Lakoff, afirmação como essa é possível porque, sob a perspectiva do falante, apesar de pertencerem a categorias diferentes, “Ana” e “bicho-preguiça” compartilham algumas propriedades como, por exemplo, o fato de se locomoverem lentamente, dormirem por muitas horas etc. O angulador *praticamente*, como ilustrado no exemplo apresentado, flexibiliza os limites das categorias semântico-cognitivas que envolvem “Ana” e “bicho-preguiça”, licenciando então a afirmação em questão.

Embora tradicionalmente seja categorizado como advérbio, o emprego de *praticamente* como angulador tem se mostrado muito frequente, o que torna importante seu estudo e serviu de motivação para a realização desta pesquisa. E assim sendo, visto não haver ainda estudos sobre o uso de *praticamente* como angulador, buscamos primeiramente conhecer os contextos em que *praticamente* ocorre e as funções que desempenha. Para tanto, coletamos e analisamos ocorrências de *praticamente* em diversos sites da internet e ainda no *Corpus* do português, conforme procedimentos que explicitaremos mais adiante. Com base na análise dos dados coletados e nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, em especial da Teoria dos Espaços Mentais, propomo-nos a responder as seguintes questões:

- (i) Quais os usos e funções de *praticamente*?
- (ii) Quais são os contextos de ocorrência de *praticamente* como angulador?
- (iii) Quais as semelhanças e particularidades do angulador *praticamente* em relação a outros anguladores?

Para tanto, vamos discorrer sobre os anguladores de uma forma geral e depois vamos concentrar nossa atenção em *praticamente*, tomando como base análise de dados contemporâneos de língua em uso.

1. Os anguladores: características e usos

O rótulo *hedge* foi utilizado pela primeira vez por Lakoff (1973) em referência a unidades cuja função primeira é a de fazer com que os enunciados que os contêm fiquem mais ou menos

imprecisos. No Brasil, Almeida (1999) denomina *anguladores* tais unidades, definindo-as como recursos à disposição dos falantes, que tendem a utilizá-las em situações em que têm de expressar uma opinião. Neste trabalho, vamos adotar o termo cunhado por Almeida (1999) para o português e, assim sendo, excetuando-se os casos de citação, vamos substituir o termo *hedges* por *anguladores*.

Para Lakoff (1973), os anguladores modificam o pertencimento categorial de entidades referidas em um predicado ou sintagma nominal e apresentam a característica de tornar os significados mais ou menos imprecisos. Vejamos o exemplo a seguir sobre Usain Bolt, famoso corredor jamaicano, recordista olímpico dos 100m e ganhador de várias medalhas em mundiais de atletismo¹:

- 2) Bolt é um guepardo.
- 3) Bolt é *praticamente* um guepardo.

Na afirmação (2), temos uma sentença de natureza metafórica. Como não poderíamos afirmar que um ser humano é um guepardo, a sentença só é aceitável em função da compreensão do uso de uma metáfora. Já em (3), a aceitabilidade se dá graças ao uso do angulador *praticamente*, que aproxima entidades pertencentes a categorias diferentes, ou seja, o atleta Bolt e um guepardo, que compartilham a característica de serem velozes. Não podemos nos esquecer de que, tendo em vista o pressuposto da Linguística Cognitiva, de que o conhecimento de mundo e as experiências dos indivíduos fazem parte da construção do significado, é mister que o leitor/ouvinte tenha conhecimento sobre o atleta “Bolt” e o animal “guepardo” para compreender os enunciados em questão. É importante ainda ressaltar que, graças à imprecisão que causa, o angulador promove a proteção da face dos envolvidos na situação comunicativa, uma vez que que flexibiliza o estatuto de verdade da asserção.

O uso de anguladores, conforme descrito nos trabalhos de Lakoff, está associado a processos cognitivos e interativos, com grande valor comunicativo. Fornecem ricas contribuições nos planos discursivos e nos processos de construção de significados. Para Lakoff (1972), podem interagir com condições de felicidade para enunciações e ainda com regras de conversação.

Rosch (1978), por sua vez, afirma que os anguladores são mecanismos linguísticos que servem para “codificar” gradações de pertencimento categorial. Sob essa perspectiva, a formulação de conceitos na comunicação diária requer o emprego de anguladores, porque

1 A comparação entre Bolt e um guepardo, considerando-se a velocidade de ambos, foi matéria de vários jornais e revistas, entre os quais está a Gazeta do Povo (conferir em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/olimpiadas/2016/bolt-e-mais-rapido-do-que-um-guepardo-entenda-os-records-olimpicos-47twu61f46u885p00t5sdapgj/>).

conceitos evocam imagens prototípicas em nossas mentes, de sorte que é necessário marcar seus representantes menos prototípicos, ou seja, quando um angulador é usado, não é o modelo clássico que é marcado, mas um representante menos prototípico. No exemplo muito comum em estudos sobre anguladores, “A baleia é *um tipo de peixe*”, o angulador destacado faz referência ao termo “baleia”, um não membro de categoria “peixe”, mas com a qual mantém relação.

Brown e Levinson (1987), em uma abordagem de natureza pragmática, sugerem que os anguladores podem ser uma partícula, uma palavra, ou mesmo um sintagma que modifique o grau de associação de um predicado ou de um sintagma nominal em um conjunto, podendo ser tal associação parcial, verdadeira até certo ponto, ou ainda, mais verdadeira e completa do que seria previsto ou esperado.

A principal função dos anguladores na linguagem, a nosso ver, é a de dar conta do que Fauconnier (1997) afirma fazer parte da faculdade cognitiva humana: a capacidade de transferir e processar significados que ocorrem através de mapeamentos entre domínios. Para o autor, o “objetivo maior da linguística é especificar a construção de significado, suas operações, seus domínios, e como eles estão refletidos na linguagem” (FAUCONNIER, 1997, p.2).

Salomão (1999) chama a atenção para uma das características próprias dos anguladores:

um ponto interessante quanto aos *anguladores* é que o enquadre que eles introduzem é epistemológico: seja distinguindo entre as propriedades definidoras centrais ou periféricas de uma categoria, seja barganhando, interativamente, licença para falar segundo um certo ponto de vista (*tecnicamente amplamente, jocosamente, poeticamente*, etc). (SALOMÃO, 1999, P. 60. Grifos da autora).

Os anguladores, portanto, promovem a flexibilização dos limites categoriais das entidades a que se referem, permitindo uma nova significação ou transferência de domínios, funcionando no sentido de suspensão dos julgamentos de verdade. Entre os anguladores mais comuns, podemos citar: *em geral, um tipo de, praticamente, amplamente falando, grosso modo, uma forma de, um tipo de, de um modo geral, estritamente falando, de certa maneira, em certos aspectos*, entre outros.

Para Hyland (1998), embora os anguladores possam ser formados por elementos de diferentes classes lexicais, os advérbios ganham destaque devido a sua mobilidade na estrutura frasal. O autor afirma, por exemplo, que o uso do advérbio em posição inicial pode acentuar o valor do angulador, ao informar ao ouvinte/leitor que o que será dito deve ser interpretado como hipotético ou subjetivo.

Vejam os seguintes exemplos de contribuições de pesquisadores brasileiros para o estudo dos anguladores.

2. Contribuições de pesquisas brasileiras

Moraes de Castilho (1991), em sua pesquisa sobre advérbios delimitadores no português falado no Brasil, estudou o emprego de *historicamente, teoricamente, literalmente, uma espécie de, quase e praticamente*, descrevendo os seus aspectos semânticos e sintáticos. Tais advérbios, segundo o autor, modalizam a sentença inteira ou apenas um termo, apresentando interpretações semânticas a partir de dois princípios: o princípio da especificação e o princípio da aproximação.

Moraes de Castilho relacionou advérbios que especificam as condições sob as quais devem ser interpretadas suas classes-escopo por entender que, se havia uma delimitação por especificação, certamente haveria também uma delimitação mais frouxa, que produzisse o efeito oposto, contribuindo assim para estudos posteriores sobre os anguladores propriamente ditos, como é o caso dos estudos de Almeida (1998,1999,2004,2005) desenvolvidos sob a ótica da Linguística Cognitiva.

Para Almeida, os anguladores formam uma categoria funcional híbrida, realizada por elementos provenientes de diferentes classes lexicais (adjetivos, advérbios, locuções prepositivas e adverbiais, verbos, orações reduzidas e desenvolvidas, expressões idiomatizadas em função adverbial), exercendo papel modalizador e intensificador. Ainda segundo a autora, os anguladores apresentam as seguintes características:

- 1- sinalizam, no discurso, o tipo de propriedades de um determinado referente que deve ser levado em conta naquela mensagem;
- 2- são construtores de novos Espaços Mentais;
- 3- são responsáveis pela perspectiva do discurso;
- 4- são introdutórios de imprecisão.

Almeida (1998) apresenta a seguinte tipologia para os anguladores, considerando a relação que mantêm com outras palavras, expressões ou sentenças a eles associados:

Quadro 1 (adaptado de Almeida, 1998). Tipologia para os anguladores do PB.

I. Classe	II. subclasse
Anguladores de classe e propriedades: relação com a categoria alvo:	número de propriedades insuficiente para inserção na categoria (<i>quase</i>); número de propriedades mínimas necessárias para inserção na categoria, com extensão categorial (<i>até</i>); número de propriedades necessárias para inserção na categoria, sem extensão categorial (<i>um pouco</i>); número mais que suficiente para inserção na categoria (<i> muito</i>).

continua

I. Classe	II. subclasse
Anguladores de qualidades e propriedades:	definicional (<i>tecnicamente</i>); de propriedades periféricas (<i>amplamente</i>); de propriedades essenciais (<i>estritamente</i>); de decomposição simples (<i>a maior parte</i>); análogicos (<i>um tipo de</i>).

Almeida (1999) chama a atenção para a importância dos anguladores por permitirem a abertura de Espaços Mentais e possibilitarem a construção de novos sentidos, através da projeção de um domínio sobre o outro. Ademais, destaca a autora, possibilitam a flexibilização de significados de acordo com o contexto e com a intenção discursiva. Ao investigar o funcionamento dos anguladores em português, Almeida (1999) observa que um aspecto comum em todos os anguladores é o fato de serem recursos utilizados pelo falante ao exprimir uma opinião.

Cumpramos ressaltar que uma palavra ou expressão linguística, quando exerce a função de um angulador, tende a apresentar sentido diferente de sua forma de origem e incorporar um sentido mais abstrato. Conforme explica Almeida (1999), isso ocorre porque a categoria de anguladores é resultado do processo de gramaticalização e, ainda, porque os anguladores também têm a função pragmática de permitir a flexibilização de significados, como ilustram os exemplos a seguir:

- 4) Ensinamos *praticamente* e você aprende a cozinhar.
- 5) Essa menina é *praticamente* uma modelo.

Em (4), *praticamente* foi empregado em sua função e sentido básicos, ou seja, como um advérbio de modo, correspondendo a “de modo prático”; na afirmativa (5), *praticamente* é usado com o sentido de “aproximação”, ou seja, exercendo a função de angulador. Considerando que, via ponto de vista do enunciador, os anguladores flexibilizam os limites expressivos das proposições, Almeida (1999, p.135) postula que a função pragmática desses elementos seria de enquadrar ou reconceptualização, uma vez que atuam na modificação (atenuando ou intensificando) a força ilocucionária de uma asserção, como é o caso de *praticamente*, que empresta imprecisão a asserções feitas e, portanto, tende a ser utilizado como recurso de salvamento de face.

3. O viés teórico

Elegemos para o estudo de *praticamente*, o viés teórico da Linguística Cognitiva. Para a Linguística Cognitiva, a estrutura da língua é maleável, buscando atender às reais necessidades

dos falantes e, assim sendo, o significado linguístico não é um produto das formas linguísticas isoladas; envolve construções mentais, conhecimento de mundo e experiências humanas. Mais do que isso, o significado é analisado como a forma de se interpretar o mundo. É dinâmico e flexível, podendo sofrer mudanças, uma vez que a língua está sempre em evolução, adequando-se aos propósitos comunicativos de seus usuários.

Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, a relação entre linguagem e mundo é mediada pela cognição. O significado é entendido como uma construção cognitiva por intermédio da qual o mundo é apreendido e experienciado. As palavras, então, orientam a construção do sentido, mas não contêm significados, uma vez que o significado é uma espécie de “construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. É por tais motivos que a Linguística Cognitiva dá conta de explicar usos que envolvem metáforas, mesclas e anguladores (SILVA, 2015, p. 36).

Algumas noções são fundamentais para a compreensão da relação entre linguagem e cognição e para a análise dos significados que as construções linguísticas carregam. A seguir, apresentamos, brevemente, noções importantes para o estudo dos anguladores que, portanto, deverão alicerçar as explicações concernentes ao angulador *praticamente*.

3.1 A perspectiva *cognitiva* da gramática: processos e noções importantes para o estudo dos anguladores

Para definir a gramática sob a perspectiva cognitiva, tomamos emprestadas as palavras de Soares da Silva e Batoréo:

A gramática é entendida como um *sistema de estruturação conceptual*, que envolve capacidades cognitivas gerais, como a percepção, a atenção, a categorização, a memória; os conhecimentos que temos sobre o mundo, integrando assim uma semântica *enciclopédica*; e mecanismos *imaginativos*, como a metáfora, a metonímia, a mesclagem conceptual, a evocação de entidades *fictionais* (SOARES DA SILVA; BATORÉO, 2010, p. 230).

A nós interessa particularmente os processos de categorização e conceptualização, além das noções referentes a *Frames*, Espaços Mentais e Mesclagem Conceptual. Passamos, então, a falar sobre cada uma delas.

3.2. Categorização e conceptualização

Dornelas (2014) refere-se aos processos de categorização e conceptualização como “ferramentas cognitivas primordiais à compreensão do mundo simbólico que nos envolve, sendo

responsáveis pela emergência da linguagem (DORNELAS, 2014, p.18). Como explica Tomasello (2005), a conceptualização de referentes constitui etapa necessária para que a aquisição da linguagem tenha início, uma vez que, para adquirir uma língua, torna-se imprescindível que a conceptualização do mundo passe de uma condição direta a uma mais abstrata e flexível.

Tendo em vista que a conceptualização consiste em modos alternativos de experienciar cognitivamente objetos e situações, o significado linguístico é construído cognitivamente por meio da conceptualização de situações a partir de várias possibilidades de perspectiva:

Em Linguística Cognitiva, costuma designar-se pela expressão *perspectivação conceptual* (tradução que propomos para o termo inglês “construal”) o modo e os modos alternativos de conceptualizar determinada situação. Esses modos alternativos envolvem *operações de perspectivação conceptual* e estas operações correspondem a capacidades cognitivas gerais (SOARES DA SILVA; BATORÉO, 2010, p. 233. *Grifos dos autores*)

A conceptualização motiva os processos de categorização de objetos, de aspectos dinâmicos e relacionais daquilo que é vivenciado. Juntas, essas duas ferramentas cognitivas (conceptualização e categorização) promovem a organização da experiência em esquemas mentais e domínios básicos e complexos do conhecimento (DORNELAS, 2014). Concerne à segunda ferramenta, ou seja, ao processo de categorização, a capacidade de memória que permite ao ser humano agrupar diferentes elementos em diferentes categorias. Segundo Rosh (1978), para toda categoria há *protótipos*, ou seja, as categorias cognitivas linguísticas e não linguísticas apresentam fronteiras variáveis, possuem exemplos melhores (protótipos) e uma relação de interdependência com as experiências socioculturais. Assim, ao agruparmos cognitivamente objetos ou seres em uma mesma categoria, haverá aqueles que mais se assemelham ao núcleo prototípico de tal categoria, ou seja, aos seus “melhores exemplos”, enquanto outros, por não serem tão assemelhados aos “melhores exemplos”, tenderão a ocupar posição mais distante do núcleo prototípico em questão.

Tomando para efeito de ilustração a categoria PEIXE, ao compararmos os traços necessários entre dois seres marinhos para considerá-los pertencentes ou não a essa categoria, constataremos, por exemplo, que a “sardinha” está mais próxima do protótipo da categoria PEIXE do que a “baleia” que, na verdade, é um mamífero, respira pelos pulmões e não, por brânquias ou guelras, como os peixes em geral. No entanto, há recursos na língua que permitem que “baleia” seja considerada um exemplo de peixe. Em tais recursos inserem-se os anguladores, construções que, como já assinalamos, possibilitam a determinada entidade inserir-se ou aproximar-se de outra categoria, como ocorre em “A baleia é *um tipo* de peixe”.

3.3. *Frames*

Outra importante noção para a compreensão dos anguladores é a de *frame*, ferramenta cognitiva por meio da qual indivíduos organizam suas ideias e percepções de mundo. Informações recentes, por exemplo, só apresentam sentido se forem associadas, através dos contextos de uso, a *frames* já existentes e, dependendo do *frame* acionado, uma palavra ou expressão pode assumir significados diferentes.

Cabe a Charles Fillmore o mérito pelo desenvolvimento de muitos estudos acerca da Semântica de *frames*. Utilizando como exemplo a cena de uma transação comercial, Fillmore (1982) demonstra que a interpretação das palavras é subordinada a *frames*. Por conseguinte, é necessário que acessemos o *frame* de EVENTO COMERCIAL para interpretamos os verbos *comprar, vender, pagar, gastar, custar, cobrar*. Segundo o autor, dependendo de qual for o verbo utilizado em referência à cena, o foco poderá ser distinto. Podemos notar, no que diz respeito ao *frame* de EVENTO COMERCIAL, que

o verbo *comprar* focaliza as ações do Comprador em relação às Mercadorias, deixando em segundo plano o Vendedor e o Dinheiro; que o verbo *vender* focaliza as ações do Vendedor em relação às Mercadorias, colocando em segundo plano o Comprador e o Dinheiro; que o verbo *pagar* focaliza as ações do Comprador em relação ao Dinheiro bem como ao Vendedor, deixando em segundo plano as Mercadorias, e assim por diante, com verbos tais como *gastar, custar, cobrar* e um número de outros que são, de algum modo, mais periféricos que esses. (FILLMORE, 1982, p.378. Tradução nossa²).

Embora o uso de cada verbo apresente uma perspectiva acerca da cena apresentada, é importante salientar que eles se referem a uma mesma cena geral que, no caso em tela, corresponde ao *frame* de EVENTO COMERCIAL.

3.4. A Teoria dos Espaços Mentais

Uma das ferramentas mais importantes da Linguística Cognitiva para nós é a Teoria dos Espaços Mentais que, como demonstraremos, fundamenta nossas explicações acerca do angulador *praticamente*.

Para Fauconnier (1994), os Espaços Mentais representam estruturas construídas no nível cognitivo e a principal premissa relacionada aos Espaços Mentais é a de “que as mesmas

2 (...) the verb buy focuses on the actions of the Buyer with respect to the Goods, backgrounding the Seller and the Money; that the verb sell focuses on the actions of the Seller with respect to the Goods, backgrounding the Buyer and the Money; that the verb pay focuses on the actions of the Buyer with respect both to the Money and the Seller, backgrounding the Goods, and so on, with such verbs as spend, cost, charge, and a number of others somewhat more peripheral to these.

operações de correspondência entre domínios atuam na semântica elementar, na pragmática e no raciocínio abstrato. No âmbito da linguagem, essas operações são indicadas por estruturas linguísticas específicas” (FERRARI, 2016, p. 109).

A Teoria dos Espaços Mentais busca desvelar

os caminhos percorridos pela mente humana para produzir as analogias e integrações fundamentais para a compreensão da forma como entendemos e enxergamos o mundo para nos expressar. Para isso, lançamos mão dos espaços mentais, estruturas construídas ao longo do discurso para servir à compreensão e à ação momentânea (DORNELAS, 2014, p. 33-34).

Os Espaços Mentais (referidos por alguns autores simplesmente por EM) são domínios conceptuais que fazem referências a cenários imaginados acionados à medida que pensamos e falamos. Segundo Fauconnier (1984, 1997) e Fauconnier & Sweetser (1996), os Espaços Mentais são ativados por expressões linguísticas e resultam da interação entre determinadas conexões cognitivas, a riqueza e a variedade de expressões linguísticas das línguas naturais.

Os Espaços Mentais são abertos na medida em que são utilizados marcadores linguísticos. Por exemplo, na afirmativa “No Brasil, as pessoas são amáveis”, abre-se o Espaço Mental geográfico através do sintagma preposicional “No Brasil” que induz à interpretação de que no Brasil, particularmente, “as pessoas são amáveis”.

Os Espaços Mentais podem ser classificados em diferentes tipos, como espaços geográficos, temporais, condicionais, entre outros. São definidos, portanto, de acordo com o que se pretende exprimir, a partir de indicadores específicos.

A rede conceptual dos humanos é formada por analogias e metáforas, importantes elementos na construção de significados. Por conseguinte, quando dizemos ou ouvimos, por exemplo, uma palavra, automaticamente e de forma natural, relacionamos os possíveis significados desta com outra(s) palavra(s), considerando o contexto linguístico e situacional envolvidos, identificando possíveis características perceptuais e experienciais que servirão para construção do significado. Assim, na sentença: “A política é o câncer do Brasil”, a palavra “câncer”, que é relacionada à doença, a algo ruim, destrutivo, é atribuída à política. O Espaço Mental relativo à doença é ativado e o sentido da sentença, que caracteriza a política brasileira como algo doentio, ruim e destrutivo, é possível graças à interação entre processos cognitivos e o conhecimento enciclopédico. No caso dos anguladores, acontecem associações semânticas por eles promovidas, devido ao afrouxamento das fronteiras que permitem a emergência de novos sentidos.

3.5. Mesclagem Conceptual

A Mesclagem Conceptual é um dos processos mentais que tornam possível a criação de novos sentidos. Nesse processo, há projeção parcial, em geral, entre dois espaços (podendo haver mais), chamados de *input 1* e *input 2*, que permitem associações entre elementos comparáveis. Tal associação é licenciada pelo Espaço Genérico (*Generic Space*), que indica as propriedades comuns dos *inputs* acionados, isto é, a estrutura compartilhada por esses domínios. Por fim, há um outro espaço, chamado de espaço Mescla (*Blend Space*), que abarca uma estrutura emergente própria, que não consta nos espaços iniciais, e que permite a aproximação entre os elementos.

O processo de mesclagem possibilita aos seres humanos desenvolverem a arte, a ciência, a cultura, ferramentas etc. (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Está, portanto, presente na maioria das operações cognitivas responsáveis pelo conhecimento humano.

Frequentemente, diagramas são utilizados para melhor ilustrar os processos de mesclagem. A Figura 1 é uma representação do processo de Mesclagem Conceptual, nos moldes de Fauconnier e Turner (2002):

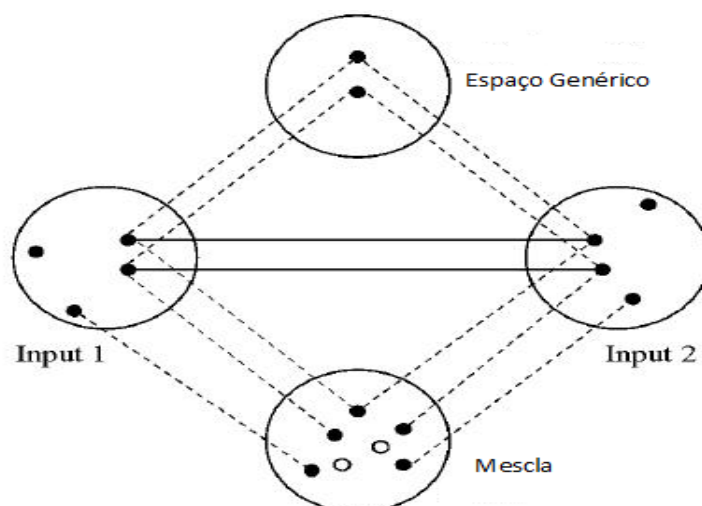


Figura 1. Representação do processo de mesclagem conceptual.

Os anguladores, segundo Fauconnier (1984), são indicadores de Espaços Mentais. No exemplo clássico: “A baleia é *um tipo de* peixe”, o angulador “um tipo de” conduz à realização do processo de mesclagem para que a sentença seja compreendida. Assim, no *input 1* tem-se a palavra “baleia” e suas características específicas, no *input 2*, tem-se a categoria PEIXE, com suas características próprias. No espaço genérico, estão as propriedades comuns dos *inputs* acionados referentes à “baleia” e à categoria PEIXE. Por último, no espaço mescla, a partir de estrutura única, são apresentadas características que aproximam o ser “baleia”, pertencente à

categoria MAMÍFERO, da categoria PEIXE, devido a propriedades compartilhadas. Assim, na realização do processo de mesclagem, são acionados Espaços Mentais para a criação de significados, e a mescla é resultante da capacidade humana de criar associações e novos sentidos.

4. O angulador *praticamente*

Os estudos sobre os anguladores, sob a perspectiva cognitiva, são bastante recentes, não havendo ainda estudo algum sobre o angulador *praticamente*. Para chegarmos à análise de *praticamente* como angulador, julgamos então necessário fazer um levantamento de seus usos e significados. Vejamos, inicialmente, os significados atribuídos a *praticamente* em algumas obras de referência:

- a) Agenor Costa (1967) - Dicionário de Sinônimos e Locuções Da Língua Portuguesa:
Pràticamente – com facilidade; de modo prático; experimentalmente; na prática; segundo a prática, a experiência.
- b) Aulete Caldas (1963) - Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa:
Pràticamente – adv. de modo. Prático. // Segundo a prática// Com facilidade, de modo acessível ou proveitoso para todos.
- c) Villar Mauro de Salles; Antônio Houaiss (2009) - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:
Praticamente - \prà\ adv. (sxv) 1 de modo ou maneira prática <resolver p. um problema>2 perto de, aproximadamente <está p. na adolescência>3 na realidade, na prática <p., é ele quem manda aqui>4 pouco menos de; quase <juntou p. 500 ensaios sobre o assunto>5 quase; por um triz; por pouco <p. enlouqueceu com aquelas crianças>. ETIM *prático* + *-mente*.

Podemos observar nas obras em tela que *praticamente* apresenta a formação *prático* + *-mente* e os significados mais básicos “na prática” e “modo prático”. No entanto, na análise das ocorrências de *praticamente*, como detalharemos mais adiante, nenhuma ocorrência de *praticamente* com a acepção de “na prática” foi encontrada. Por outro lado, verificamos que seu emprego como angulador é bastante frequente.

Como mencionado anteriormente, os anguladores atribuem determinado grau de incerteza categorial às palavras ou sentenças por eles escopados. Esse grau de incerteza está relacionado a processos cognitivos de construção de sentido que envolvem o indivíduo e a forma como vivencia o mundo.

No que se refere ao angulador objeto deste estudo, considerando a classificação de Almeida (1998), apresentada no Quadro 1, *praticamente* caracteriza-se como um angulador de

propriedade periférica, pois é utilizado quando são ignoradas as propriedades primárias das palavras, expressões ou sentenças por ele escopadas, e levados em conta critérios secundários de pertencimento categorial. Vejamos como isso ocorre, retomando o exemplo (1) “Ana é *praticamente* um bicho preguiça”. Se atentarmos para a possibilidade de “Ana” apresentar movimentos lentos e dormir muito, constataremos uma aproximação entre “Ana” e um “bicho-preguiça”. Logo, essa afirmação tornar-se-á aceitável graças ao uso do angulador *praticamente* que promove tal aproximação. Entretanto, para que essa relação seja feita, temos de ignorar propriedades primárias que separaram “Ana” de um “bicho-preguiça” como, por exemplo, o fato de que “Ana” é um ser humano e o “bicho preguiça”, não. Logo, é importante que se observem as diferenças entre os critérios primários e secundários de pertencimento categorial na categorização dos anguladores. Lakoff (1973) diz ser preciso distinguir as propriedades capazes de conferir algum grau de pertencimento categorial de propriedades outras que são características dos membros de uma categoria, mas que não conferem nenhum grau de pertencimento a ela.

Obviamente, sabemos que, embora “Ana” possa dormir durante muitas horas e apresentar um comportamento lento em suas atividades diárias, tais características não fazem dela um bicho-preguiça, o que nos leva à constatação de que o angulador *praticamente* não confere nenhum grau de pertencimento categorial, apenas aproxima os critérios secundários das entidades envolvidas, evidenciando sua qualidade periférica e sua natureza aproximante. Cumpre destacar que, não obstante o exemplo apresentado para fins explicativos, em nossos dados, *praticamente* ocorre somente estabelecendo relação entre entidades pertencentes a uma mesma categoria e inseridas em um mesmo *frame*.

Definida sua natureza, passemos para a análise das ocorrências de *praticamente*.

5. Análise de ocorrências de *praticamente*

A análise baseia-se em dados coletados de setembro de 2017 a junho de 2018. Em um primeiro momento, houve a coleta para constituição do primeiro *corpus*, realizada com a utilização da ferramenta de busca Google, a partir da digitação pura e simples de *praticamente*. Contudo, na medida em que as primeiras ocorrências surgiram, passamos a considerar outras palavras que apareceram espontaneamente acompanhando o angulador. Numa segunda rodada, portanto, digitamos *praticamente* associado a adjetivos, verbos, numerais etc., como, por exemplo, “*praticamente* uma mãe”, “*praticamente* casado”, “*praticamente* pregam”, “*praticamente* 100%” etc. Dessa forma, outros usos de *praticamente* foram aparecendo e realimentando a busca por mais dados.

Foi constituído, assim, o *corpus* referente aos usos na Internet, sendo coletados dados provenientes das seguintes páginas da web, jornais e revistas online: Revista Quem, Jornal

Extra, Folha Patoense, Gshow (globo.com), Terra, Histórias com valor, Techtudo, Correio Braziliense, Século Diário, Gazeta das Caldas, Gauchazh, Gazeta do Povo, Uol notícias, ESPN, Jornal do Brasil, Brasil 247, Mais Goiás, Revista Capricho.

O segundo corpus, por seu turno, constituiu-se a partir de um banco de dados de língua portuguesa, o *Corpus* do Português, que se divide em duas partes: (i) uma mais antiga e menor e (ii) uma mais recente e maior (web/dialetos). Os dados que coletamos foram extraídos dessa segunda parte, que apresenta cerca de um bilhão de palavras de páginas da web e permite a análise de dados mais recentes do português, em nosso caso, do português brasileiro.

Em nossa busca, encontramos diversas ocorrências de *praticamente*, mas todas com o valor de angulador mais ou menos incorporado. Constatamos, então, já na coleta de dados, que *praticamente* com valor puramente adverbial é pouco ou não é mais utilizado. Constatamos também que a ocorrência de *praticamente*, antes ou depois dos termos sobre os quais incide, provoca alguma alteração de significado, como em (a) *Ele fez praticamente tudo* e (b) *Ele fez tudo praticamente*. Conforme mencionamos anteriormente, Hyland (1998) já havia assinalado, referindo-se à posição inicial de um enunciado, que a anterioridade pode acentuar o valor do angulador, por informar ao ouvinte/leitor que o que será dito deve ser interpretado como hipotético ou subjetivo. Tal alteração poderia ser alvo de nosso interesse, uma vez que tem relação com a fluidez do comportamento de *praticamente* como advérbio de modo e/ou como angulador, em função do processo de mudança a que está submetido. Contudo, observamos que, embora em (a) o valor de angulador (expressando aproximação) possa parecer mais saliente, ele não está ausente em (b). Da mesma forma, o valor adverbial (correspondente a ‘na prática’ ou ‘de modo prático’) que parece mais aguçado em (b), também não está ausente em (a). Em função do exposto, e levando em conta que a questão que envolve o pressuposto de que ‘diferenças na ordem de palavras acarreta diferenças no significado de um enunciado’ transcende o caso específico de *praticamente*, decidimos não considerar tal aspecto em nossa análise. Caracterizamos as ocorrências de *praticamente* em diferentes grupos, conforme explicaremos a seguir, e segundo a caracterização proposta, ambas as sentenças inserem-se no mesmo grupo.

Ao todo, foram catalogadas 60 ocorrências extraídas dos dois *corpora*, sendo 46 de sites da internet e 14 do *Corpus* do português. Realizamos a análise dos dados sob a ótica da Linguística Cognitiva, mais especificamente, sob o viés da Teoria dos Espaços Mentais, buscando identificar os usos e funções de *praticamente*. Neste trabalho, detalharemos a análise de três ocorrências representativas de diferentes usos de *praticamente*.

Os dados foram divididos em grupos, de acordo com a seguinte escala que propusemos para aferir e quantificar os empregos de *praticamente* relativamente aos dois extremos que dizem respeito, respectivamente, a usos e funções próprias de advérbio de modo e de angulador.

Quadro 2. *Praticamente*: de advérbio de modo a angulador.

PRATICAMENTE			
Advérbio de modo			Angulador
GRUPO 0 (- - -)	GRUPO 1 (- - +)	GRUPO 2 (- + +)	GRUPO 3 (+ + +)

Em um dos extremos da escala (Grupo 0), temos *praticamente* com valor estritamente adverbial, com a acepção de “na prática”. Contudo, como já mencionamos, não encontramos em nossos *corpora* nenhum caso de *praticamente* correspondendo a tal acepção. A nosso ver, isso se deve ao fato de a expressão “na prática” existir e ser usada para dar conta desse significado³.

No outro extremo da escala, temos *praticamente* como angulador pleno (Grupo 3), com o sentido de “aproximação”. Entre os dois extremos (Grupos 2 e 3), temos as ocorrências de *praticamente* em pontos intermediários, ou seja, com funções que entendemos já serem próprias de um angulador, mas ainda vinculadas a sua natureza adverbial.

Catalogadas e analisadas as 60 ocorrências de *praticamente*, observamos que, no Grupo 1, *praticamente* tem seu valor adverbial preservado, uma vez que, além de fazer referência a situações e eventos que ocorrem no mundo “real” (como em “*Praticamente* podemos chamar de Arte Contemporânea as manifestações artísticas que acontecem atualmente...”), a imprecisão que *praticamente* carrega incide sobre verbos e locuções verbais. Sendo assim, seu sentido e função aproximam-se a “de modo prático”, mas verifica-se também a atribuição de um caráter impreciso à asserção. No Grupo 2, *praticamente* ocorre em avaliações, apreciações, ou caracterizações de situações, entidades etc., incidindo sobre adjetivos, locuções adjetivas e construções com valor adjetivo (como em “...o local estava *praticamente* abandonado...”). Em função do grau de subjetividade maior que envolve tal emprego, observa-se nas ocorrências alocadas no Grupo 2 um distanciamento maior do Grupo 0 (e da acepção “de modo prático”). Inversamente, o sentido de aproximação se fortalece assim como a função de angulador. Por fim, no Grupo 3, *praticamente* funciona como um angulador pleno, tendo seu papel de promotor de aproximação e de imprecisão bem evidentes. Como tal, ocorre em situações em que: (a) promove aproximação entre entidades (como em “No trajeto de São Paulo a São José do rio Preto, os gastos *praticamente* se igualam. De avião fica em R\$ 119 e de automóvel R\$ 120,59...”), e (b) promove imprecisão, em termos numéricos ou de quantidade (como em “Agora passados *praticamente* 15 anos da promulgação da Lei Orgânica da Saúde...”; “Quando pinte a minha casa eu apliquei duas demãos de tintas *praticamente* em todas as paredes...”).

3 Não nos deixa mentir o velho ditado popular “*Na prática, a teoria é outra*”.

A tabela a seguir mostra a distribuição e o percentual das ocorrências de *praticamente* coletadas nos três grupos referidos.

Tabela 1. Ocorrências de *praticamente*

GRUPO 1 (- - +)		GRUPO 2 (- + +)		GRUPO 3 (+ + +)	
18	30%	28	46,6%	14	23,4%

Como se pode verificar, o maior número de ocorrências de *praticamente* se dá no Grupo 2, em que função e sentido estão menos vinculados a um advérbio de modo e mais próximos de um angulador pleno. O percentual de ocorrências do Grupo 1 (30%), entretanto, mostra que *praticamente* mantém fortes relações com seu passado adverbial.

Passemos agora para a análise qualitativa e explicativa dos usos correspondentes aos três grupos em questão, valendo-nos da Teoria dos Espaços Mentais e do processo de Mesclagem conceptual. Antes, contudo, cumpre lembrar que, no processo de Mesclagem Conceptual há projeção parcial entre espaços mentais, em geral dois, chamados de *input 1* e *input 2*, que permitem associações entre elementos comparáveis. Essa associação é licenciada pelo Espaço Genérico que abarca as propriedades comuns presentes nos *inputs*, havendo, ainda, um outro espaço, chamado de Espaço Mescla, que apresenta uma estrutura emergente própria, que propicia a aproximação entre os elementos.

Para melhor ilustrar esta fase da análise, vamos apresentar as ocorrências de *praticamente* em excertos textuais maiores, com informações contextuais mais abrangentes. Começemos por um emprego de *praticamente* enquadrado no Grupo 1:

6) Por que Woody Allen é o artista mais brilhante que já existiu

Antes de seguir adiante, vale dizer algumas poucas palavras acerca da discussão sobre ser o cinema uma forma de arte. Poucas, pois argumentar demais nesse terreno é jogar precioso latim fora. Afinal, quem diz não ser arte o cinema é um de dois tipos de pessoa. Ou não acredita de fato no que diz e só o faz pelo prazer da provocação. Ou realmente acredita, e aí será o caso de alguém que, por não gostar da cor azul, afirma que azul não é cor. Nas duas situações é inútil argumentar. Há, entretanto, uma ponderação pertinente que o inimigo faz. Merece resposta. Diz respeito à autoria. Filmes têm vários “autores”, quem seria o artista? O autor do livro que deu origem à adaptação? Do roteiro? O diretor? O editor? O fotógrafo? O autor da trilha sonora? A resposta fornecerá minha primeira peça de defesa quanto a ser

Woody o mais brilhante artista que já existiu. Pois ele é *praticamente* isso tudo. Seus filmes são todos originais, nenhum é adaptação.

<http://acervo.revistabula.com/posts/colunistas/por-que-woody-allen-e-o-artista-mais-brilhante-que-ja-existiu-parte-2> (*Corpus* do Português)

Podemos observar que em (6) *praticamente* ocorre com o sentido aproximado de “na prática” ou “de modo prático”, mas também atribuindo imprecisão à asserção feita, ou seja, tem seu valor adverbial preservado, mas atua também como um angulador. Vejamos como fica o diagrama referente à ocorrência de *praticamente* em “Pois ele é *praticamente* isso tudo”.

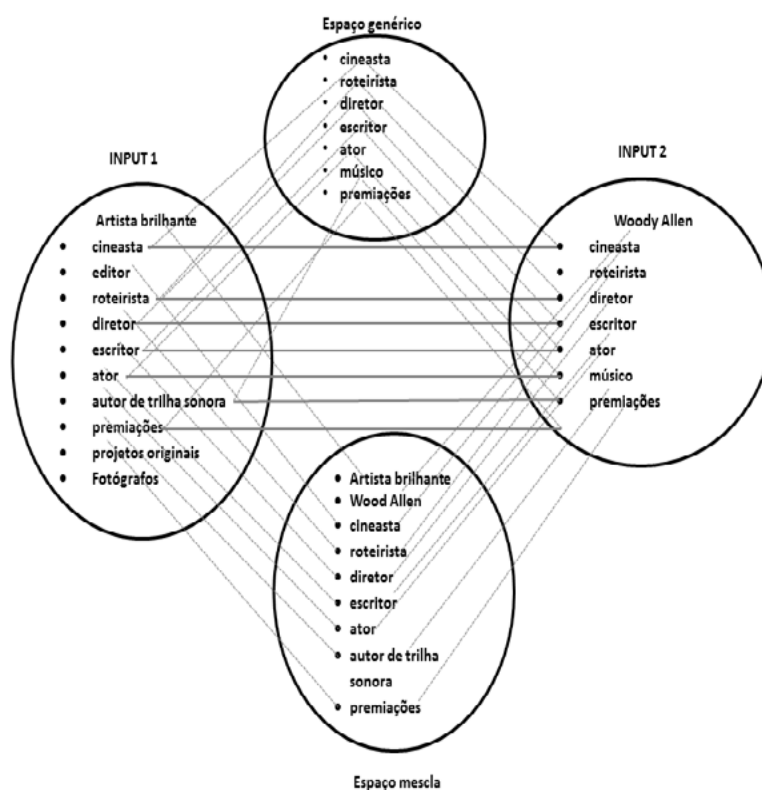


Figura 2 - Representação da Mesclagem Conceptual em “Pois ele é *praticamente* isso tudo”.

Em (6) o *frame* acionado é o de cinema. Espaços Mentais são abertos com as características de um artista brilhante (*input 1*), com as características de Woody Allen (*input 2*), com as propriedades comuns presentes nos dois *inputs* (espaço genérico), e com uma estrutura emergente própria, que permite a aproximação entre Wood Allen e um artista brilhante. Observa-se, portanto, uma aproximação de elementos que, embora não pertençam a categorias diferentes, precisam ser aproximados para fundamentar a opinião emitida. Além do

mais, *praticamente* afrouxa o comprometimento com o estatuto de verdade do que está sendo enunciado, adicionando certo grau de imprecisão à relação de aproximação feita.

Passemos para a análise de uma ocorrência de *praticamente* concernente ao Grupo 2:

7) Presos jogam fezes por janelas de delegacia, em Aparecida de Goiânia

Segundo sustentou Arthur Jacon, em vistoria realizada no local, foi constatado que o estado das celas é fétido e decrepito, onde mais de 25 presos estão amontoados, sem direito a banho de sol e visitas. Os detidos estão *praticamente* sem higiene pessoal. Além disso, as latrinas estão entupidas, obrigando os presos a urinarem e evacuar em sacos, que são jogados pelas janelas.

<https://www.emaisgoias.com.br/presos-jogam-fezes-por-janelas-de-delegacia-em-aparecida-de-goiania/>

Nesta ocorrência, o uso do angulador está associado a características apresentadas, indicando o nível de higiene em que se encontram os detidos em relação a um determinado padrão considerado, ou seja, trata-se de uma avaliação em que há estabelecimento de relação entre entidades de uma mesma natureza categorial. Vejamos o diagrama relativo a esta ocorrência:

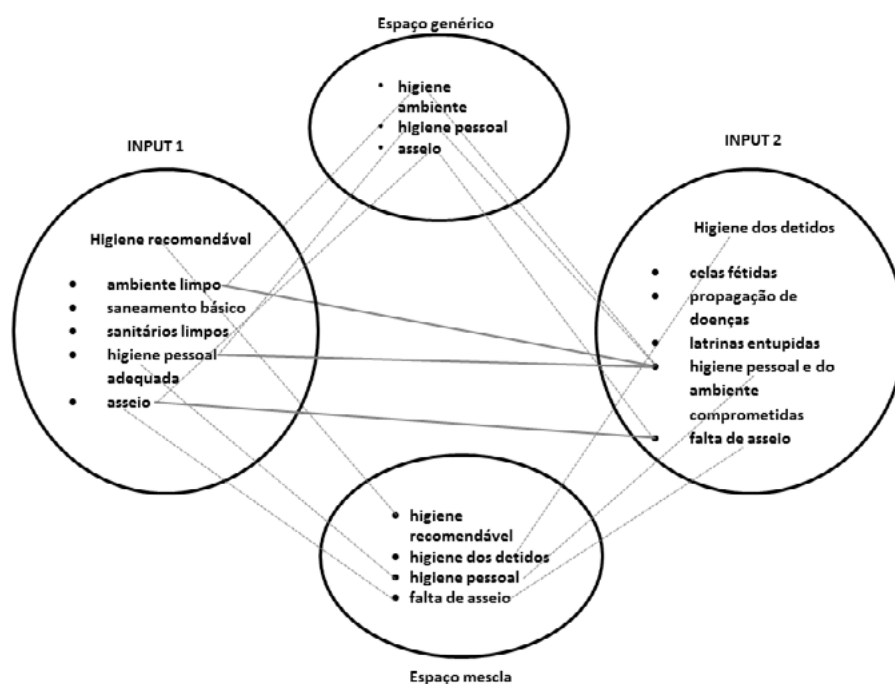


Figura 4. Representação da Mesclagem Conceptual em “Os detidos estão *praticamente* sem higiene pessoal”.

Em (7), o *frame* acionado é o de práticas de higiene. Ao ouvir/ler a construção “Os detidos estão *praticamente* sem higiene pessoal”, o ser humano é capaz de acionar e relacionar dois espaços, que funcionam em conjunto para que a compreensão do que está sendo enunciado aconteça. Dessa forma, há uma associação entre noções do que é considerado uma higiene necessária ou recomendável (*input* 1) e o que se observa no caso dos detidos, (*input* 2). No espaço genérico, encontram-se propriedades comuns dos dois *inputs*, que licenciam a aproximação e, no Espaço Mescla, há a estrutura emergente, resultante do processo de mesclagem incitado pelo emprego de *praticamente* que, como aproximante que é, aproxima da inexistência a higiene pessoal dos detidos.

No Grupo 3, vamos analisar uma ocorrência de *praticamente* que promove a aproximação entre duas entidades, além de invocar imprecisão de quantidade.

8) Os cuidados com as mãos: Como tratar, tirar manchas e rejuvenescê-las

Os Peelings são ácidos com propriedades de renovação da pele e retirar as manchas. *Praticamente* todos os peelings que são feitos no rosto podem ser feitos nas mãos. Um dos peelings mais usados é a pasta de ATA (ácido tricloroacético – que pode ser líquido ou em pasta) garante uma distribuição homogênea na região a ser tratada. O resultado é uma descamação da área, promovendo uma renovação celular e o clareamento da mão ressalta Dr Claudio Mutti. <http://bemzen.uol.com.br/noticias/ver/2011/03/22/2357-os-cuidados-com-as-maos> (*Corpus* do Português).

Neste caso, *praticamente* ocorre com a função de angulador pleno. Em “ *Praticamente* todos os peelings...”, o angulador aproxima entidades pertencentes a uma mesma categoria (peelings para rostos e peelings para mãos), além de invocar imprecisão de quantidade.

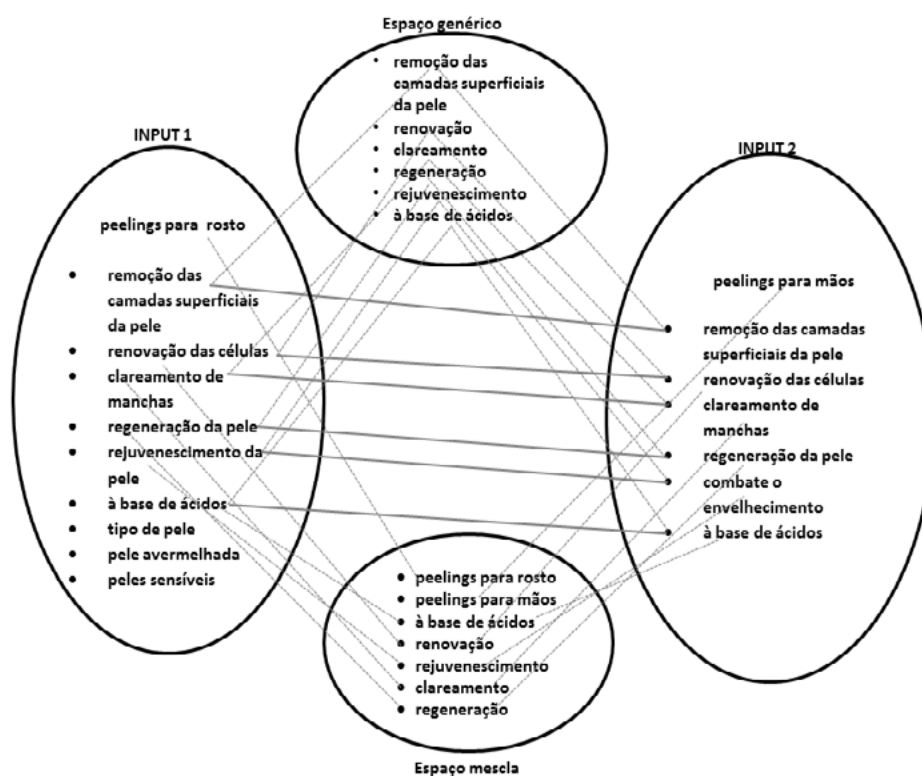


Figura 5. Representação da Mesclagem Conceptual em “*Praticamente* todos os peelings que são feitos no rosto podem ser feitos nas mãos”.

Em (8), o *frame* acionado é o de tratamento estético. São abertos os Espaços Mentais relativos a peelings para o rosto (*input 1*), mais comum e conhecidos, e a peelings para as mãos (*input 2*), menos conhecidos. Abrem-se também Espaços Mentais referentes às propriedades comuns aos dois *inputs* (o espaço genérico) e à estrutura emergente própria, que não aparece nos espaços iniciais (espaço mescla), que licencia a aproximação entre os dois tipos de peelings e a afirmação de que “*Praticamente* todos os peelings que são feitos no rosto podem ser feitos nas mãos”. O emprego de *praticamente*, neste caso, além de aproximar duas entidades, invoca imprecisão de quantidade: “*praticamente* todos” indica, ao mesmo tempo, a não totalidade e a aproximação do total considerado.

Como se pode verificar, nesta e nas duas outras ocorrências analisadas, o emprego de *praticamente* afrouxa o comprometimento com o estatuto de verdade do que está sendo enunciado, adicionando maior ou menor grau de imprecisão à asserção feita e, assim, preservando a face dos envolvidos no ato comunicativo.

Considerações finais

Terminada a análise, vamos retomar as perguntas que nos propusemos a responder neste artigo e sumariar as respostas a que chegamos:

- (i) Quais os usos e funções de *praticamente*?
- (ii) Quais são os contextos de ocorrência de *praticamente* como angulador?
- (iii) Quais as semelhanças e particularidades do angulador *praticamente* em relação a outros anguladores?

Em relação às duas primeiras perguntas, como vimos em nossos dados, *praticamente* ocorre fazendo referência a situações do mundo “real”, com o sentido próximo a “de modo prático”, ou seja, com valor adverbial preservado, mas imprimindo algum grau de imprecisão que incide sobre verbos e locuções verbais. *Praticamente* também é empregado atribuindo imprecisão a avaliações, apreciações, ou caracterização de situações, entidades etc., incidindo, sobre adjetivos, locuções adjetivas e construções com valor adjetivo. Neste caso, situa-se, em termos de função e de significado, mais próximo de um angulador pleno do que de um advérbio. Há ainda usos em que *praticamente* atua como angulador pleno e, como tal, ocorre em situações em que promove aproximação entre entidades e imprecisão, em termos numéricos ou de quantidade.

No que diz respeito a (iii), *praticamente*, a exemplo dos demais anguladores, constitui um recurso à disposição dos falantes, que tendem a utilizá-lo em situações em que expressam uma opinião, por *praticamente* atribuir algum grau de imprecisão aos significados e, assim, afrouxar o comprometimento com o estatuto de verdade do que está sendo enunciado, atuando na preservação da face dos envolvidos no ato comunicativo. Por outro lado, *praticamente* caracteriza-se como um angulador de propriedade periférica, pois é utilizado quando são ignoradas as propriedades primárias das palavras, expressões ou sentenças por ele escopadas, sendo levados em conta critérios secundários de pertencimento categorial. Em outras palavras, o angulador *praticamente* não confere nenhum grau de pertencimento categorial, apenas aproxima critérios secundários das entidades envolvidas, evidenciando seu caráter periférico e sua natureza aproximante. Outra característica importante do angulador, observada em nossos dados, é a de que *praticamente* tende a ocorrer estabelecendo relação entre entidades pertencentes a uma mesma categoria e inseridas em um mesmo *frame*.

Referências

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1963.

ALMEIDA, M. L. L. Viveré uma forma de enferrujar: estudo de anguladores em semântica cognitiva. In: VALENTE, A. (Org.). **Língua, linguística e literatura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 253-260, 1998..

_____. Processo de mesclagem em anguladores no português do Brasil. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 129-142, jan./jun. 1999.

_____. **Anguladores**: a categoria e sua relação com a modalidade. Projeto de Pós-doutorado, 2004. Mimeo.

_____. A linguística sociocognitiva e os anguladores: uma nova perspectiva para fenômenos tidos como marginais. In: HENRIQUES, C. C. & SIMÕES, D. (Org.). **Língua Portuguesa**: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino. Rio de Janeiro: Ed Europa, p. 56-67, 2005.

BROWN, P. E LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DORNELAS, Aline Bisotti. **Construções de movimento fictivo em português do Brasil**: cognição e corpus. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

COSTA, Agenor. **Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1967.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva**: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EDUFRN, 2012.

FAUCONNIER, Gilles. **Espaces mentaux**: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles. Paris: Les Editions de Minuit, 1984.

_____. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Mappings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____; SWEETSER, Eve. **Spaces, worlds and grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

_____; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, a Member of the Perseus Books Group, 2002.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2016.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Org.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982.

HYLAND, K. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. **Journal of curriculum studies**. vol. 30, p. 437-455, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LAKOFF, George. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts. **Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, p. 183-228, 1972.

_____. Hedges: A Study In Meaning Criteria And The Logic Of Fuzzy Concepts. **Journal of philosophical Logic**, n. 2. p. 458-508, 1973.

_____. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____; TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MORAES DE CASTILHO, C. M. **Os delimitadores no português falado no Brasil**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Dissertação de Mestrado, 1991.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. ROSCH, E.; LLOYD, B. (ed.). **Cognition and Categorization**. Hillsday / New Jersey: Erlbaum Ass, p. 27-48, 1978.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **O processo cognitivo da mesclagem na análise linguística do discurso**. Rio de Janeiro/Juiz de Fora: Projeto Integrado de Pesquisa. 1999.

SILVA, Elaine Pereira da. **Internet tipo net**: um estudo da palavra tipo com ênfase na função anguladora. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado, 2015.

SOARES DA SILVA, Augusto; BATORÉO, Hanna. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitetura e aplicações. In: BRITO, A. M. (org.) **Gramática**: história, teorias, aplicações. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 229-251, 2010.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language**: a usage-based theory of language acquisition. Massachusetts: Harvard University Press, 2005.